

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Popular (S.P.)

Class.: _____

149

Data: 18 de Novembro de 1988

Pg.: _____

190 De short, não...

João Bianchi

A nossa população indígena, bem numerosa, e bem variada nas suas etnias, por muito tempo ainda continuará a preocupar as funais, cujos ser-tanistas, que a assistem, se empenham em manter em paz essas belicosas criaturas. Agora, com os seus caciques semi-alfabatizados e semipolitizados, as tribos já se dão ao luxo, ataviados para a guerra, de baixarem, de surpresa, às portas do Palácio do Planalto, ou invadem as galerias do Congresso, para reivindicarem coisas e loisas, descendentes que são, hereditariamente, das aguerridas nações antropófagas, que nem ao bispo Sardinha perdoaram.

Desde 1.500, quando descobertos — e, posteriormente, explorados —, que eles rejeitam o trabalho pesado e a submissão. Nascidos livres, e criados nas terras do sem-fim, não podiam — e não podem — mesmo colaborar com a ambição do civilizado. Daí a captura dos negros, já conhecidos e trabalhados, no guatambu, pelos portugueses, nas suas colônias d'África.

O dono legítimo destas terras, que vão do Iapoque ao Chui, é o índio. Quando Cabral aqui aportou, contavam-se em milhões estas criaturas. Hoje estão reduzidas a alguns milhares, vivendo do mesmo modo que viviam há milhares de anos: livres, nus, ou seminus.

Ora! li na "Folha", que dois índios brasileiros estão sendo indiciados na Lei dos Estrangeiros. Por quê?

"Dois índios, o cacique herdeiro Kube-1 e Paulino Payakan, caiapós do Pará foram convidados, juntamente com um antropólogo norte-americano que trabalha há 11 anos entre os caiapós, e pesquisador do Museu Goeldi, a participarem de um simpósio sobre "Manejo Adequado de Florestas Tropicais", que se realizou na Flórida, em janeiro deste ano. Depois, os ambientalistas locais (4,8 milhões de associados) convidaram os caiapós para irem a Washington, mais o antropólogo que os acompanha como interprete, a entrarem em contato com executivos do Banco Mundial. E explicaram, ao que parece, de suas preocupações com os vastos projetos hidrelétricos da bacia do rio Xingu. Têm boas razões de estarem preocupados: no plano 2010 da Eletrobrás estão programadas seis hidrelétricas na bacia do Xingu, inundando 18 mil km²".

Segundo os índios, fariam desaparecer 12 nações indígenas de São Félix do Xingu e Altamira, as inundações programadas nos projetos em pauta.

Em particular, na parte que afeta os caiapós, estão saindo os resultados de uma avaliação feita com a participação de índios, engenheiros, físicos, antropólogos, ecólogos e sociólogos, e coordenada pela Comissão Pró-Índio

de São Paulo, da demanda de energia, dos custos sociais e ambientais do complexo hidrelétrico Xingu. Por não terem sido ouvidos na tomada das decisões que os envolvem, manifestaram-se os caiapós.

"De volta ao Brasil, começou uma longa saga de perseguições aos índios e ao antropólogo, acusados de "dener-grirem" a imagem do Brasil no Exterior. Foram convocados para prestarem depoimentos e estão agora incursos na Lei dos Estrangeiros".

O cacique, apoiado por 400 guerreiros, se apresentou, naturalmente, de short. O juiz, ante o desrespeito ao Tribunal de Justiça de Belém só o receberia vestido. Kube-1 deu a bronca: "— Branco é branco, índio é índio. Não you me vestir como branco só para entrar aí". E convidou o juiz a ir à sua taba a fim de tomar o depoimento.

(O artigo, sob o título "Índios estrangeiros, antropólogos incômodos", publicado na "Folha" de 28 de outubro findo, é longo e minucioso, e quem o escreve, autora de "Os direitos do índio", é professora do Departamento de Ciências Sociais da USP e tem profundo conhecimento da causa).

De minha parte, gostei do assunto, e o comento superficialmente.

Mas, enquanto alinhavo o meu artigo, o "Correio Popular" de 10 do corrente traz, de Brasília, notícia fresca. O Governo Federal vai encaminhar ao Congresso, de programa intitulado "Nossa Natureza", em janeiro próximo, relatórios de seis comissões, que pelo menos 1,5 milhões de quilômetros quadrados, ou quase um terço da Amazônia, serão considerados intocáveis. A parte maior do bolo que já está sendo fatiada, há tempos, por fazendeiros que expulsam índios a bala; e por garimpeiros, interessados em envenenar a mercúrio a fauna e a flora, basta que consigam algumas grammas de ouro — e o restante, que se dane.

É a consagração oficial da destruição. Terão, os pósteros, a Amazônia transformada num vasto canalial, cercada de água por todos os lados.

Um grande avanço no progresso. A auto-suficiência de combustível, aos milhões de automóveis, estará garantida. Aos pinguços não faltará o seu combustível prioritário, a cachaça. E será tão grande a produção de açúcar, que os diabéticos considerarão fora de moda aquele que ainda faz uso da insulina. O bagaço da cana, transformado em superalimento, não faltará à mesa, do rico ao mais humilde dos favelados.

Houve demora de algumas décadas, mas as populações futuras, resultantes de explosão demográfica incontrolável, liquidarão, para não morrer de fome, o que sobrar da que teria sido a maior floresta do mundo.